

“A ESCOLA ZACARIA JÁ É A ESCOLA DOS MEUS SONHOS”

OLGAIR GOMES GARCIA*

RESUMO: Este artigo tem como primeiro foco o relato do trabalho que vem sendo desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria” – desde 1996 e, ao mesmo tempo, se propõe a refletir sobre questões teóricas de fundamental importância para a construção de uma escola pública séria e compromissada com a formação e aprendizagem das crianças e adolescentes que vivem na periferia da cidade de São Paulo. No relato e análise são abordados os quatro eixos em torno dos quais toda a dinâmica da escola acontece: o processo de ensino e aprendizagem, os projetos da escola, a importância da gestão na construção do ambiente de aprendizagem, a formação do educador.

Palavras-chave: Escola pública. Ensino e aprendizagem. Gestão da escola. Formação do educador.

“ZACARIA SCHOOL IS ALREADY THE SCHOOL OF MY DREAMS”

ABSTRACT: This paper focuses on the work developed at school Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria” – since 1996. It also proposes to reflect on fundamental theoretical issues to build public schools committed to serious teaching and learning for children and teenagers living in the São Paulo’s outskirts. The report and analysis deals with four axes around which the dynamics of school takes place: the process of teaching and learning, school projects, the importance of management in the construction of a learning environment, teacher training.

Key words: Public school. Teaching and learning. School management. Teacher training.

* Doutora em Psicologia da Educação, professora universitária e coordenadora pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria”, em São Paulo.
E-mail: olgarcia@terra.com.br

A frase-título deste artigo é de um aluno de 7º ano do ensino fundamental, respondendo a um item do questionário para autoavaliação institucional da escola em 2006, que propunha: “o que é preciso fazer nesta escola para se tornar a escola dos seus sonhos?”. Foi interessante constatar, naquele ano, como a maioria dos alunos, com outras respostas, diziam mais ou menos o mesmo. Depois de muito refletir, decidi começar este texto falando do sentimento dos alunos, por certo ufanista demais, em relação à escola, pois este é, sem dúvida, um aspecto muito forte quando o assunto é falar sobre a EMEF Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria”, em São Paulo, com os alunos.

Por que os alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, gostam tanto da escola? O que lhes dá esta *sensação de bem estar e acolhimento* no espaço da escola?

Minha vivência e experiência de trabalho em escolas, privadas e públicas, me asseguram dizer que a concepção da escola que se quer construir, de um modo geral, não tem se constituído numa temática efetivamente valiosa para ser refletida/estudada/registrada no interior das escolas pelos educadores e educandos que as fazem cotidianamente. Paulo Freire, quando secretário da Educação em São Paulo (1989), insistia muito sobre a necessidade de “mudar a cara da escola”, ou seja, de se buscar uma identidade própria em cada escola, que os sujeitos pudessem se referir àquela onde passam um bom tempo de suas vidas com alegria, com gosto.

Compartilhando totalmente deste ponto de vista, quando comecei a trabalhar na escola “Zacaria” (1996), uma questão que me deixava absolutamente angustiada era constatar que a então diretora, por se tratar de uma escola pública na periferia de São Paulo, concebia não só a “Zacaria”, mas todas as escolas públicas como sendo para gente pobre, miserável e sem futuro. Em decorrência disso, também, havia muito desrespeito de um número significativo de educadores em relação aos alunos, vistos como “marginais, mal educados, preguiçosos e vagabundos”; qualquer coisa era motivo para dispensar das aulas ou roubar o tempo delas para ceder espaço a vendedores, que apenas exploravam os alunos com objetos que os seduziam, mas não eram necessários e nem de qualidade, para receber como recompensa uma pequena porcentagem para a Associação de Pais e Mestres (APM) da escola. Neste contexto de condições extremamente precárias e deficitárias, de

pouca seriedade e absoluta falta de compromisso com o ensino e aprendizagem, eu atendia muitos alunos que eram colocados para fora das aulas por “bagunça, brincadeiras, muita conversa, desrespeito aos professores” e, na conversa com eles, já vinham com “todas as pedras”, falando muito alto e de forma muito agressiva. Passado algum tempo com eles, ouvindo-os, começava a falar e perguntava-lhes se estavam me ouvindo bem e se podíamos combinar usar aquele tom de voz. Daí para frente, a conversa seguia num curso normal e eu podia entender muito mais do que me diziam e também a respeito do simples fato de estarem ali comigo. Não tardou para que começasse a surgir um *zum-zum* na escola que dizia: “com a D. Olga dá para conversar porque ela não usa de ignorância com a gente”. Utilizando esta observação dos próprios alunos, atuando como coordenadora pedagógica, em momentos coletivos com os professores ou em momentos informais, individualmente ou em pequenos grupos, procurei disseminar a ideia da não necessidade do grito, o valor do respeito mútuo, o desgaste na relação interpessoal quando se desqualifica o outro, quando o sentimento de injustiça se faz presente, quando não se pode ter voz para explicar as ações. Lentamente, fomos construindo um ambiente mais amigável e respeitoso, alegre e com muita partilha, um ambiente acolhedor e de um barulho normal, quando se trata de espaço frequentado por crianças e adolescentes; um ambiente onde a amorosidade, tão intensamente proclamada por Freire (1997), foi se fazendo presente e produzindo resultados muito significativos nestes últimos quatorze anos. Por causa deste gostar tão intenso da escola, criamos o projeto “Colóquio sobre educação pública”, que consiste num encontro anual de alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, para se reunirem e matarem as saudades, falarem sobre os rumos da vida de cada um, para discutirem e trocarem ideias sobre as dificuldades e conquistas dos alunos oriundos de escola pública e aprofundarem algum tema que diga respeito a estudo e trabalho dos jovens no mundo contemporâneo.

O Colóquio, de certa forma, é um espaço que tem servido para mostrar o reflexo de um trabalho que veio sendo construído e, por certo, teve um processo difícil, mas bastante desafiador e alimentador de muita esperança na escola pública.

No primeiro ano de trabalho na EMEF “Zacaria”, cujo nome foi escolhido pela comunidade em homenagem ao comediante Zacaria (Os

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

Trapalhões), sem que fosse dito, no convívio fui percebendo que algumas atividades não eram realizadas pelo grupo de professores por receio ou falta de confiança na capacidade de aprender dos alunos, medo de experimentar situações difíceis decorrentes do mau comportamento dos alunos ou mesmo vergonha de se expor junto com aqueles alunos em situações fora da escola. Contudo, as oportunidades foram sendo criadas no próprio processo e se fazendo presentes: os alunos dos quartos anos começaram a ler um livro que foi muito bem trabalhado pelas professoras com eles e, ao finalizar, o escritor veio até a escola conversar com os alunos e todos ficaram muito satisfeitos; com os de EJA, saímos para ir ao teatro no Hotel Hilton para assistirmos a uma peça e os alunos ficaram deslumbrados ao perceberem que tinham o direito de frequentar aquele espaço e se comportaram de forma exemplar, como qualquer outra pessoa que estava presente naquele espaço; uma professora fez um trabalho sobre poesia com as crianças e, na finalização, montamos um livro xerocado com as poesias de todos e cada um levou o seu para casa. Neste mesmo ano começamos a desenvolver o Projeto das “Trapalhadas do Zacaria”, que em 2010 completa quinze anos e é um dos projetos mais valorizados por todos na escola e até mesmo pelos pais. Ou seja, no processo, apesar de todas as dificuldades relacionadas à falta de condições materiais e de recursos humanos, aos poucos, foi se instalando em grande parte dos professores e professoras um clima de confiança mútua, de colaboração e de entusiasmo pelo trabalho na escola, de preocupação com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Ainda em 1996, começamos uma prática de autoavaliação institucional da escola que tem permitido a expressão e a crítica de todos sobre o processo desenvolvido pela instituição a cada ano.

Muitos dos que conhecem a escola e, de alguma forma, têm participado das atividades desenvolvidas na realização de algum projeto, ficam encantados com a dinâmica do trabalho escolar, com a alegria e felicidade que os alunos demonstram com o fazer e acontecer da vida no interior da escola. Há um sentimento compartilhado por muitos educadores de que os alunos gostam e se entusiasmam tanto pela escola porque eles se sentem muito bem tratados e cuidados por todos.

As emoções que o sujeito vai desenvolver no processo de aprendizagem estão associadas não apenas com o que ele vivencia como resultado das experiências implicadas no aprender, mas em emoções que têm sua origem

em sentidos subjetivos muito diferentes que trazem ao momento atual do aprender momentos de subjetivação produzidos em outros espaços e momentos da vida. (Gonzalez Rey, 2008, p. 34)

Uma prova disso talvez possa ser dada através do fato acontecido comigo recentemente, quando, entrando no estacionamento do SESC Vila Mariana, o rapaz que cuidava da entrada, ao me identificar, fez muitos gestos para que o reconhecesse e, quando baixei o vidro, ele apenas disse: “Olga, é o Daniel lembra?”, sem precisar dizer que tinha sido aluno da “Zacaria”.

Retomando um ponto que coloquei logo no início, o exposto até aqui já poderia justificar por que a concepção da escola que se quer é tão importante na construção de um projeto para a mesma.

Como é, então, que se consegue tornar vivo e contagiante um projeto de escola que seja compartilhado e construído por todos? Como é possível fazer da escola pública um espaço de ensino sério e de qualidade?

Apesar das dificuldades encontradas no dia a dia para desenvolver um trabalho educacional sério e comprometido com os alunos e suas famílias e, sobretudo, de credibilidade na comunidade e diante da administração regional da educação municipal, pode-se afirmar que a coordenação pedagógica, naquele ano de 1996, conseguiu assumir certa liderança do processo através das discussões e reflexões realizadas nas reuniões pedagógicas e nos horários coletivos, cativando a simpatia e adesão de um bom número de professores e professoras, favorecendo que os educadores fossem se constituindo num grupo com certa coesão. Talvez este tenha sido o fator que possibilitou que a autoavaliação institucional, realizada ao final do ano, fosse feita com tanto empenho, seriedade e criticidade pelos professores e professoras, constituindo-se num registro posterior de qualidade e retratando sem rodeios a verdadeira situação pedagógico-administrativa da escola. Em 1997, quando o diretor concursado assumiu a instituição, o primeiro documento que lhe foi entregue pela coordenação pedagógica foi o texto resultante de tal avaliação e, segundo as palavras do diretor, a leitura daquele texto lhe permitiu delinear suas primeiras ações e encaminhamentos para garantir as condições mínimas para iniciar o ano letivo com credibilidade, entusiasmo e confiança.

Desde então, uma prática muito valorizada na escola tem sido a realização da autoavaliação institucional e transformação dos dados

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

coletados e tabulados em um texto para ser utilizado nos dias de planejamento do início do ano. Com esse encaminhamento, o diálogo e a partilha com a outra coordenadora pedagógica, que veio para a escola em 1997, foram bastante facilitados e, assim, foi possível organizar, através dos registros do ano anterior, os itens necessários para se iniciar com o grupo de professores e professoras a construção em processo do projeto pedagógico da escola. Desde o início, não se percebeu resistência e omissão significativas do grupo em relação a este projeto, em parte porque os que já estavam na escola se sentiam contemplados nos textos desencadeadores da análise e aprofundamento, pois eram coautores. O projeto pedagógico não se apresentava como algo vindo da cabeça das coordenadoras por causa de uma exigência formal, mas sim era a manifestação de um desejo e de uma necessidade sentidos no interior da escola e se apresentava como a via possível de atender aos anseios do grupo e da instituição como um todo. No bojo mesmo de tudo isso, o tema central do projeto se explicitou de forma clara e unânime: *cidadania*.

Pelo desgaste da palavra cidadania, a escolha do tema inicialmente causou certo estranhamento. No entanto, no decorrer destes anos, a cada ano temos descoberto o quanto é rico e o quanto nos tem possibilitado descobrir novas dimensões para trabalhar, pois de fato é um grande iluminador das necessidades cotidianas da escola. O que já vinha sendo vislumbrado, através da necessidade de se partir de uma concepção clara da escola pública que se quer construir, tornou-se totalmente contemplado com a decisão de se explicitar o projeto pedagógico, dando-lhe formatação e concretude no processo.

Repetindo uma ideia bastante recorrente na prática educacional, a escola de um modo geral é por excelência o palco da diversidade e é preciso que se tenha clareza do que significa isso na sua organização e funcionamento, nos seus mínimos detalhes, e do que se precisa realizar para não se deixar sucumbir pelos problemas advindos da relação constante e ininterrupta com as questões próprias do buscar conviver harmoniosamente com as diferenças, seja as que dizem respeito aos alunos, aos educadores e educadoras ou aos funcionários. De um modo geral, a educação privada lida com este problema praticando a seleção e a homogeneização, mas, na escola pública, é preciso aprender a lidar com todos sem excluir e discriminar. É preciso se convencer e acreditar que é possível se construir uma escola que não trate as diferenças como obstáculo

ou empecilho, mas como um desafio a ultrapassar, um desafio que nos torna melhores e mais competentes educadores.

Pode-se afirmar, então, que uma primeira lição a ser aprendida permanentemente é a de que a escola não pode se constituir apenas como salas de aulas repletas de alunos e com professores para lhes ocupar o tempo com o ensino dos conteúdos curriculares e cuidar deles durante sua permanência na escola. O espaço escolar, de fato, tem que ser compreendido para além das paredes das salas, não apenas com atividades ligadas a sua dinâmica, mas, sobretudo, com projetos que contemplem a concepção de que a escola é um espaço de convivência, que não se constrói uma escola com significância na vida de educandos e educadores se não se compreender que a convivência permite melhor conhecimento dos outros e mais paciência e compreensão com as diferenças de uns e outros. Portanto, precisa se constituir como um objetivo do projeto educacional a ser planejado e levado à consecução pelos educadores e a escola.

Assim, se a sala de aula é o espaço para se trabalhar as especificidades de grupos de alunos, o espaço da escola é destinado a se construir de forma mais ampla e rigorosa a convivência com o outro, ou seja, os aspectos e valores que caracterizam o comportamento de um cidadão crítico, consciente e responsável e também solidário e companheiro com os outros. Consequentemente, os focos do trabalho pedagógico têm que ser o processo de ensino e aprendizagem, que se desenvolve na e a partir da sala de aula com um grupo menor de alunos e professores, e a escola como um espaço educativo do coletivo e da convivência de todos neste coletivo.

A realidade da escola em 1996, com a implantação da organização do ensino em ciclos de aprendizagem, era de uma total falta de referências para o ensino e aprendizagem e os professores desenvolviam seus trabalhos guiados apenas pelo bom senso. A título de exemplo, naquele ano, havia seis turmas de alunos da então 3ª série do ensino fundamental que estavam praticamente sem saber ler e escrever e muitas professoras angustiadas e ansiosas por ajuda e apoio. Neste contexto, a sensibilização e a determinação foram, sem dúvida, o grande mote para empreendermos todas as ações que vieram a partir daquele ano.

Se, no início, a impressão que se tinha era de que os professores entendiam que com o ciclo não precisavam mais ensinar, porque não podiam reprovar ao final de cada série, a reflexão sobre a docência e o

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

papel, compromisso e importância dos professores e professoras na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos foi um primeiro passo para a valorização do educador que, posteriormente, foi se concretizando com a criação do Projeto de Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino (PROVE), junto com outras escolas públicas da região.

Com a intenção de propiciar uma compreensão mais completa de como a escola tem se organizado para se apresentar como uma boa escola pública (Hopkins, 2008), serão explicitados os quatro grandes eixos em torno dos quais as ações educacionais se articulam e, de certa forma, suprem as deficiências umas das outras no movimento: *o processo de ensino e aprendizagem, os projetos da escola, a preocupação com o ambiente escolar, o projeto de formação do educador.*

O processo de ensino e aprendizagem

Para facilitar a organização do trabalho docente, na reflexão e estudo para a elaboração da primeira versão do projeto pedagógico, ficou decidida, como uma forma de organizar este trabalho em cada ciclo, a definição dos subtemas do projeto nos ciclos: “A leitura e escrita como direito do homem” no ciclo I e “Viver com dignidade” no ciclo II. Estes subtemas foram fundamentais para o aprofundamento teórico sobre o trabalho pedagógico e para a organização do ensino nos componentes curriculares. Foram os primeiros organizadores das ações docentes e o desvelamento de seus significados permitiu que os professores encontrassem mais sentido no trabalho que desenvolviam em sala de aula. A título de ilustração, no ciclo I, a reflexão sobre o significado do ler e escrever para o homem alargou o universo de compreensão da alfabetização, que até então era considerada apenas em seu aspecto técnico, e propiciou mais liberdade e entusiasmo a muitos professores para pensar atividades que saíssem do livro didático e das folhas de exercícios e para dar início ao planejamento de projetos de trabalho com os alunos, explorando múltiplas linguagens. Os livros de literatura infantil passaram a ser considerados e trabalhados com muito mais significado e abrangência. No ciclo II, utilizando melhor o espaço do horário coletivo, o grupo de professores foi afinando formas de pensar a educação e começou a planejar atividades que depois alimentaram os projetos de série, como, por exemplo, o das “Águas de São Paulo”, com os alunos

do diurno, e o projeto “O amor em Shakespeare”, com os alunos do noturno, finalizado com um debate sobre o amor. Muito do desinteresse e apatia dos alunos gradualmente foi dando lugar a uma participação mais viva e uma produção que surpreendia a todos, pela criatividade e empenho.

Na sala de leitura da escola, que em 1996 nem existia e hoje é um espaço superdinâmico, há um bom acervo de livros-registro de trabalhos e projetos desenvolvidos pelos professores com os alunos, por exemplo: “O livro do Bairro”, “A oficina de gravura”, “O Zacaria no Projeto Caravanas do Conhecimento”, “Contos maravilhosos”, “O livro do Projeto Meu Amigo Gato”, “Histórias de ontem e de hoje”, “Histórias da vovó Edna”, “Um dia divertido”, entre outros. Este é um dado muito interessante porque, por meio destes registros, foi se construindo uma memória viva da escola: muitos já nem estão nela, mas as lembranças da passagem por ali, seja como professor ou professora, seja como aluno ou aluna, estão bastante vivas.

Outra atividade que nos permitiu uma boa reflexão sobre a escola e que nos ofereceu muitos subsídios para dar uma maior consistência à proposta pedagógica dos ciclos foi a elaboração do Regimento Escolar (1998): a decisão de propor um *perfil dos alunos na conclusão de cada um dos ciclos*, bem como a *definição da concepção de avaliação e a tradução dos conceitos de avaliação de forma a dar concretude a ela* representaram, sem dúvida, a explicitação dos dois grandes organizadores das expectativas e dos objetivos a serem atingidos no processo de ensino e aprendizagem com os alunos.

Na medida em foi acontecendo a apropriação das intenções pedagógicas pelos docentes, cada um foi, a seu modo e dentro de suas possibilidades teóricas e práticas, se empenhando em garantir uma aprendizagem minimamente satisfatória dos alunos, especialmente no domínio da leitura e escrita e matemática. Todavia, isto foi sendo construído em meio a inúmeras dificuldades oriundas, quase todas, da omissão e falta de interesse do poder público: número nunca completo do quadro docente, ausências de professores por licença médica ou faltas ocasionais e sem um quadro de substituição, material insuficiente e com muito atraso, mudanças frequentes no grupo de professores devido a decisões de ordem administrativa da Secretaria Municipal de Educação (SME), instabilidade no grupo de educadores das escolas, ocasionadas por remoções frequentes dos docentes para outras instituições, entre outras.

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

Nas avaliações que têm sido realizadas – Prova São Paulo, Prova Brasil, Olimpíada de Matemática –, o desempenho dos alunos tem ficado um pouco acima da média na cidade e dificilmente poderá alcançar um patamar melhor, porque, apesar do movimento que se desenvolve na escola para melhorar a qualidade do ensino, as condições adversas presentes nas escolas públicas, de um modo geral, pesam muito no processo de aprendizagem dos alunos.

Os projetos da escola

Inicialmente, a partir de uma conversa informal, foi lançada a ideia das “Trapalhadas do Zacaria” que, tendo sido do agrado de alguns professores, foi retomada ainda no final do primeiro semestre de 1996 e veio a se constituir no primeiro projeto coletivo da escola. Numa reunião pedagógica, discutimos sobre a realização das Trapalhadas e resolvemos formatá-la como uma espécie de semana cultural: realização de oficinas oferecidas pelos professores e professoras e de livre escolha dos alunos, teatro, gincana etc. e finalização com exposição dos trabalhos dos alunos, no sábado, para os pais e a comunidade. Nestes dias os alunos não teriam as aulas costumeiras, mas estariam envolvidos na programação do evento. Embora todos se mostrassem de acordo com a realização das Trapalhadas, a efetivação não foi nada fácil: alguns professores faltaram nos dias em que dariam oficinas, outros boicotaram de um jeito ou de outro, mas ao final aconteceu e os alunos gostaram muito e a avaliaram muito bem. No ano seguinte, ao planejarmos o calendário escolar, as Trapalhadas foram incluídas e, daí para frente, não parou mais, apesar de um movimento inicial bastante forte para excluí-las do cotidiano da escola. Muitos não suportavam a ideia de uma mudança tão radical na rotina e da movimentação dos alunos por causa de sua participação nas atividades, o que deixava um bom número de pessoas adultas irritadas e prontas pra dificultar tudo. No entanto, a cada ano, novas observações e descobertas do valor foram se explicando: o compromisso dos alunos pelas próprias escolhas, o prazer pelo desafio de enfrentar o diferente e ser bem sucedido, o entusiasmo ao admirar a criatividade e as produções dos alunos, a possibilidade de conhecer outros alunos de outras classes, a colaboração entre os alunos maiores e os menores, a possibilidade de coordenar grupos de idades e séries diferentes numa oficina e o resultado surpreender positivamente,

entre outros. Não demorou muito e passou a ser comum ouvir de algum ou outro educador no início do ano escolar: “eu já sei qual a oficina que quero oferecer este ano”, “tenho muitas ideias para as Trapalhadas deste ano”, “quando vai ser a semana das Trapalhadas deste ano?” (mãe) etc.

A realização deste evento permitiu que se descobrisse a importância da escola realizar projetos que envolvessem todo o coletivo da escola em atividades que, aparentemente de “puro lazer”, no fundo completavam de forma exemplar a aprendizagem dos grupos em sala de aula, harmonizavam as relações interpessoais e proporcionavam um clima de bem estar e alegria no dia a dia da escola. Na esteira das Trapalhadas, em 2000, começamos a realizar o Projeto Aniversário, que, desde o início, embora a proposta tivesse vindo da coordenação pedagógica, foi aplaudido por quase todos da escola. Este projeto orienta-se para um trabalho mais pontual a respeito da construção de valores e do desenvolvimento de atitudes de autoestima, solidariedade e respeito mútuo e convivência com o outro em situações de trabalho, lazer e festividade. É realizado a cada trimestre e pressupõe uma reunião pedagógica para planejá-lo, oportunidade em que se elege um tema que será trabalhado com os alunos ao longo das semanas entre o planejamento, a preparação e o acontecer. Inclui necessariamente uma abordagem com os alunos através de leituras, discussão sobre filmes e outras formas de estudo para aprofundamento do tema, o trabalho de tirar fotografia de todos os aniversariantes daquele período de tempo (alunos, professores, direção, coordenação, funcionários) e montar uma apresentação em multimídia para o dia da festa, preparação pelos alunos de apresentação de danças, teatro, declamação, música, entre outros, para o dia da festa, preparação de cartões ou lembrancinhas para os aniversariantes e de uma comida mais especial para festa de aniversário. No dia da comemoração, todos se reúnem no pátio da escola e, no final, quase sempre se finaliza a festa com um bailinho. A mudança que vai acontecendo no comportamento social dos alunos, por meio do clima de respeito, tranquilidade e harmonia vai num crescendo à medida que o projeto continua, como também a participação efetiva e prazerosa de professores e professoras. O Projeto Aniversário é uma referência forte na escola e tem feito carreira na região, pois muitas escolas já o incorporaram e são igualmente muito bem apreciados por todos os alunos.

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

Por percebermos como os projetos coletivos provocam, de certa forma, o entusiasmo, a valorização e o respeito pela escola e, além disso, permitem efetivar a relação dialética entre o micro e o macro na escola, outros projetos envolvendo a participação de muitos vão surgindo e se instalando também, como é o caso do “Concurso de poesia”, “O colóquio sobre educação pública”, “A mostra de cidadania e cultura”, “A imprensa jovem”. A própria Festa Junina hoje já se apresenta e acontece mais como projeto do que simplesmente como um evento junino igual aos outros; é o caso também da “Formatura”, que é mais um projeto da escola, pelo significado que conquistou no contexto escolar.

A partir de 2009, quando a “Zacaria” passou a funcionar em dois turnos diurnos (antes eram três), começamos a desenvolver o projeto de “Tutoria entre alunos” com os estudantes do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, o qual, apesar do pouco tempo, foi muito bem recebido pelos estudantes, que o levam muito a sério. Recentemente, num questionário que aplicamos para levantar dados sobre a questão do estudar, ao serem solicitados para dar opinião sobre a Tutoria, a resposta de uma aluna merece ser destacada para reflexão: “o projeto é muito bom porque é um meio dos alunos se ajudarem”.

A gestão da escola na construção do ambiente necessário ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos

Um diferencial percebido por muitos que visitam a EMEF “Zacaria” é o que diz respeito à gestão da escola. A equipe constituída pelo diretor e as duas coordenadoras pedagógicas está junta desde 1997, o que, segundo fala corrente de muitos professores e professoras, dá tranquilidade e segurança ao corpo docente, passando-lhes sempre a sensação de que escolheram a escola para construir um trabalho com seriedade e dedicação.

Assim, não por acaso, o zelo e o interesse pela constituição de um ambiente agradável, organizado, bonito, limpo, democrático e em permanente movimento de conservação e ajustes para melhor atender às necessidades de educandos e educadores são uma constante no interior da escola. O diretor é extremamente ativo e atento, não poupando esforços e entusiasmo para criar os mecanismos de captação de recursos

necessários – materiais e humanos – para o bom desenvolvimento do trabalho educacional.

Pelo fato de existir um empenho em fazer o pedagógico e o administrativo caminharem juntos, há efetivamente uma comunicação e afinação entre diretor e assistente de direção, coordenadoras pedagógicas e funcionários da escola, o que facilita a colaboração de todos para o bom funcionamento tanto nos aspectos de ordem pedagógica e burocrática, como nos da ordem de serviços.

Pode-se dizer então que é a consciência que se tem e se desenvolve, permanentemente, a respeito do compromisso político-social da escola como espaço para promoção da aprendizagem, desenvolvimento e formação de todos os alunos que instiga o envolvimento ativo dos docentes e discentes também neste plano. Há oito anos, quando foi realizada a reforma dos banheiros da escola, o diretor me sugeriu que escrevesse um texto a respeito de tal circunstância no cotidiano da escola para que os professores o trabalhassem com os alunos. Elaborei, então, um pequeno texto em que a ideia central era a de que “todos nós temos direito a coisas bonitas, limpas, bem conservadas e cheirosas”, destacando que éramos usuários do espaço da escola e não seria uma manifestação inteligente destruí-lo ou danificá-lo. Cada professor/professora ficou responsável para trabalhar o texto com uma turma de alunos, em que incluísse a observação de como estavam os banheiros e como iam ficar e, além disso, o que precisaria acrescentar e o que os usuários precisariam fazer para contribuir com as pessoas que faziam o trabalho diário da limpeza e conservação. A atividade foi um sucesso, as sugestões a respeito das melhorias a serem introduzidas foram consideradas e levadas a efeito – todos os boxes passaram a ter suporte para o papel, cantoneiras para colocar os materiais escolares, muitos espelhos sobre as pias e nas paredes laterais, vasos com plantas e, atualmente, até secador com vapor quente – e o trabalho de conscientização permanente dos alunos continuou, a ponto do menor deslize ou dano ser imediatamente notificado e as providências tomadas para não permitir que o caos se instale. Em 2005, sentimos que, pelo fato da passagem dos alunos pela escola ser muito rápida, era importante escrever uma história, “A escola que queria ficar sempre bonita”, que foi ilustrada por uma aluna concluinte da 8ª série; posteriormente, a história foi transformada em um livrinho, distribuído a cada aluno no início do ano letivo, tendo sido lido e discutido por todos, disso resultando a realização de assembleias com os alunos

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

para decidir a respeito de “Normas de Convivência” na escola. Aprendemos muito, com a atividade, sobre a importância de sempre se realizar uma espécie de ritual para começar o ano letivo e, desde então, passou a fazer parte do rol de atividades de início de ano, incluindo sempre, ao final, a realização de assembleias com os alunos para definir a forma de convivência no espaço escolar, no ano em curso.

Num destes trabalhos de início do ano, quando o diretor estava conversando com os alunos sobre as condições em que a escola os recebia, fazendo-os perceber que quanto mais ela fosse conservada, mais as reivindicações de todos poderiam ser atendidas, uma vez que não estaria desperdiçando dinheiro para consertar estragos decorrentes do mau uso ou danificação proposital. Os alunos deram a sugestão de se colocar filtros com água gelada no pátio da escola. O diretor sugeriu que poderiam fazer uma cotização entre os alunos, cada um contribuindo com uma quantia que variasse de 1 a 10 reais e, com o dinheiro arrecadado, ele mandaria instalar os filtros. A arrecadação ocorreu de forma super rápida e com o montante arrecadado foi feita uma pesquisa sobre o melhor e mais higiênico tipo de bebedouro para ser instalado. Ao final, existem hoje cinco bebedouros de parede com água gelada, os quais, nestes cinco anos de sua existência, sofreram poucos reparos, a não ser os de manutenção.

A luta atual da escola é conseguir a instalação de rampas de acesso para cadeirantes ao andar superior, onde estão as salas de aula. Se a efetivação da reivindicação depender do empenho de todos nesta escola, acredita-se que o Secretário da Educação certamente não permanecerá insensível aos insistentes apelos.

Pode-se afirmar, a partir da experiência da EMEF “Zacaria”, que é praticamente impossível para uma escola realizar o que se espera dela sem uma dose grande de ousadia, de disposição para lutar e brigar pela efetivação de uma condição digna de trabalho e estudo, sem uma forte propensão a não medir esforços para se posicionar e enfrentar os desafios e também os obstáculos criados, na maioria das vezes, pelo próprio sistema de ensino.

A formação do educador em serviço

A possibilidade de se desenvolver ações dentro da própria escola, visando à formação em serviço de professores e professoras, é possível de

ser realizada através das reuniões pedagógicas e dos horários coletivos. No entanto, mesmo que haja uma intenção clara de aproveitar tais espaços para formação, face à realidade das escolas eles são de fato insuficientes, por vários motivos. Refletindo e discutindo com os próprios professores e as equipes gestoras de algumas escolas sobre esta questão que angustiava a todos, em 1997, em meio a todas as ações que vinham sendo desenvolvidas para revitalizar e fortalecer a escola, decidimos empreender um projeto de formação do educador que não só permitisse uma atualização e aprofundamento teórico sobre as questões pedagógicas, especialmente as relacionadas à organização do ensino em ciclos, mas também que fosse uma oportunidade para os educadores de algumas escolas da região se reunirem para refletir e estudar, se conhecerem e conhecerem o trabalho e o ambiente de outras escolas. Inspirados em Freire (1991, p. 81), quando diz que “será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento de escolas próximas”, iniciamos uma conversa com as escolas da região e assim nasceu o Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino (PROVE), que, desde 1998 (PROVE Livros 4, 2007), vem alimentando e instigando professores e professoras na ação docente nas escolas nele envolvidas. O eixo da formação, neste projeto, é a reflexão e análise da prática e é desenvolvido através de encontros mensais com os grupos de professores e professoras, coordenados por um formador escolhido não apenas pela experiência e título acadêmico, mas também pela valorização da escola pública e pelo respeito e consideração pelo educador que desenvolve a ação docente no ensino público. Além disso, o PROVE realiza um Seminário Inter-Escolas ao final do ano letivo, para o qual são convidados todos os educadores e as escolas da região. Nesta oportunidade, os educadores envolvidos no projeto, no ano em curso, têm uma participação ativa e assumem a coordenação de oficinas baseadas na formação que tiveram ao longo do ano.

Desde que começou, o PROVE tem sido muito prestigiado pelos professores e é reconhecido por seu valor para além do domínio restrito do espaço das escolas envolvidas. Desde o ano de 2002, publica a *Revista PROVE*, com edições anuais, e a coleção do PROVE Livros, que já está no número 6. Para muitos professores e professoras, repetindo suas próprias palavras, eles “não seriam os profissionais que são hoje se não tivessem tido a oportunidade de participar do PROVE”.

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

Para finalizar, pelo exposto gostaria de destacar que não se pode atribuir a uma única pessoa ou ação o sucesso da escola, não só entre os alunos, mas entre todos que a fazem cotidianamente e a própria comunidade onde está inserida. Os quatro eixos que procurei descrever resumidamente são, na verdade, os pontos de apoio para o processo de ensino e aprendizagem da escola e os responsáveis pela dinâmica resultante que contagia e desperta tanto entusiasmo e alegria. Se olhados isoladamente, especialmente no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, é possível observar que nem tudo é coeso e harmonioso, há o extremamente coerente com as correntes pedagógicas mais apreciadas atualmente e que possibilitam muita participação, investigação e criatividade dos alunos, como também o conservador e destituído de sentido e significado, que só existe para manter os alunos ocupados e trabalhando, em silêncio, para atender ordens dos professores e professoras. No entanto, como os alunos são solicitados e têm possibilidades efetivas de ocupar outros espaços e realizar outras ações que os desafiam para além do que já sabem, e porque se mostram muito capazes de aprender para além do que se espera deles, o resultado é sempre surpreendente, o que não deixa de ser uma lição muito interessante para os educadores realmente preocupados em compreender como se aprende na escola.

Por outro lado, há que se assinalar que, na EMEF “Zacaria”, uma compreensão que se desenvolveu a respeito da escola pública é a de que o poder público não é o seu dono e nem é ele que determina sobre o fazer da escola deste ou daquele jeito. A escola pública, sim, faz parte de uma rede que a mantém e deve assumir a responsabilidade de torná-la viável e em condições de um desempenho eficiente, não podendo, por isso mesmo, ficar esperando de braços cruzados que lhe determinem o que fazer. Antes, tem que se considerar e se perceber como construção coletiva permanente de todos que a fazem cotidianamente, não pode ser acrítica e indiferente frente às determinações de ordem administrativa. O que vai se tornar ação tem que passar pelo crivo e pela reflexão dos educadores nela envolvidos, se o que se pretende é a construção de uma escola boa para todos os alunos que a ela acorrem.

É possível que cada escola se converta em uma grande escola? Hoje existem expectativas reais de que isto aconteça. Quando a mudança, em vez de ser imposta de cima, passa a pertencer aos que participam desse movimento, a transformação realmente acontece. Estou convencido de que

mudar a forma de trabalho de vertical para horizontal é a única maneira para que cada escola se transforme em uma grande escola (...). As escolas que apresentam uma mudança significativa não são as que são arremadas por mudanças externas, mas porque realizam um esforço rigoroso para construir uma cultura positiva de ensino e aprendizagem dentro da escola. (Hopkins, 2008, p. 26)

Encerrando, o que talvez fosse necessário completar na frase do aluno de que a “Zacaria” já era a escola de seus sonhos é o que diz respeito à autonomia necessária do espaço escolar para se converter na escola dos sonhos de educandos e educadores. E a autonomia, como também a autoria não são outorgadas, são resultado de empenho, de crença e são construídas no dia a dia, com suor e determinação.

Referências

- BECKER, F. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- FREIRE, P. *À sombra dessa mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- FREIRE, P. *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.
- GARCIA, O.G. Reencontrando o prazer da docência. *Carta Fundamental*, São Paulo, n. 5, p. 38-40, fev. 2009.
- GARCIA, O.G. Quando a curiosidade é o mote principal: Paulo Freire e a educação de crianças e jovens. *Revista Direcional Escolas*, São Paulo, ano 3, n. 28, p. 12-15, maio 2007.
- GONZALEZ REY, F. *O sujeito que aprende*. In: TACCA, M.C. *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea, 2008. p. 29-44.
- HOPKINS, D. *Cada escuela, una gran escuela*. Buenos Aires: Santillana, 2008.
- EMEF Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria”. *Regimento escolar*. São Paulo, 1998.

“A Escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos!”

EMEF Mauro Faccio Gonçalves – “Zacaria”. *Projeto Pedagógico*. São Paulo, 1998/2010.

REVISTA PROVE. São Paulo, n. 1 a 8. Publicação do grupo de escolas municipais responsáveis pelo Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino (PROVE), São Paulo.

PROVE LIVROS, 4 e 5. Publicação do grupo de escolas responsáveis pelo Projeto Valorização do Educador e Melhoria da Qualidade do Ensino (PROVE), São Paulo.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado em outubro 2010.